

empregado em população de baixa prevalência para determinada enfermidade, caso da Hepatite C.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101231>

EP-154

ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DAS HEPATITES B E C EM IDOSOS DE UMA REGIÃO DO PARANÁ, BRASIL

Flávio Pasa Brandt, Lirane Elize Defante Ferreto, Valdir Spada Jr., Roberto Shigueyasu Yama

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, PR, Brasil

Introdução: As hepatites virais constituem doença de notificação compulsória e apresentam grande importância em nosso meio, devido à elevada prevalência e, especialmente, frente às mudanças no perfil demográfico brasileiro atual, denotado por maior longevidade da população brasileira e manutenção das condições crônicas.

Objetivo: Caracterizar o perfil epidemiológico e possíveis fatores de risco para as infecções por Hepatite B e C na população idosa da região Sudoeste do Paraná, Brasil.

Metodologia: Trata-se de um estudo ecológico, descritivo e de abordagem quantitativa. Foram utilizados os dados de pacientes com 60 anos ou mais notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), no período de 2007 a 2017, para as hepatites B e C, a partir de seus marcadores sorológicos para infecção ativa ou passada (no caso da Hepatite B, positividade para o Anti-HBc total, com HBsAg reagente ou não; e para a Hepatite C, positividade para o Anti-HCV ou HCV-RNA). A região analisada abrange 27 municípios e uma população estimada de 400 mil habitantes. As características associadas às hepatites B e C foram examinadas usando estatística descritiva e análise de regressão de Poisson.

Resultados: A prevalência estimada nesta população foi de 86,7 casos para cada 10.000 idosos para a Hepatite B e de 6,81 casos para a Hepatite C, no período entre 2007 e 2017. No modelo multivariado de regressão logística, as infecções pelo HBV e HCV foram associadas às etnias não brancas (OR 3,45; IC95% 1,23–9,65; $p=0.018$), histórico de realização de transfusão sanguínea (OR 11,51; IC95% 3,92–33,76; $p=0.001$), residir em município com mais de 20 mil habitantes (OR 3,45; IC95% 1,05–11,32; $p=0.036$) e mais de 50 mil habitantes (OR 3,2; IC95% 1,06–9,56; $p=0.040$), caracterizando essas variáveis como possíveis fatores de risco na população estudada.

Discussão/Conclusão: Destacaram-se como fatores preditores para estas infecções 3 variáveis: viver em município com mais de 20 mil habitantes, pertencer à etnias não brancas e histórico de transfusão sanguínea. Portanto, mesmo a população idosa não sendo classicamente um grupo de risco para as hepatites virais B e C, há de se considerar a tendência de crescimento dessa população nas próximas décadas e seus consequentes impactos nos sistemas de saúde, tornando necessário o aprofundamento deste tema em novos estudos



e ampliar o desenvolvimento de políticas de prevenção e rastreamento destas infecções neste público.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101232>

EP-155

AVALIAÇÃO DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS PACIENTES PORTADORES DE HEPATITE C SUBMETIDOS À DIFERENTES TRATAMENTOS FARMACOLÓGICOS, CONFORME PRECONIZADO NO ANO DE TRATAMENTO, NOS AMBULATÓRIOS DE INFECTOLOGIA DA FACULDADE DE MEDICINA DO ABC

Mateus Etori Cardoso, Virgilio Tiezzi Neto, Olavo Henrique Munhoz Leite, Carlos Miyashira, David Everson Uip, Ana Paula Serra Leopercio, Kelly Vilela, Cristina Giovanetti Pereira Dos Anj, Ana Carla Carvalho, Adilson Westheimer Cavalcante

Faculdade de Medicina do ABC (FMABC), Santo André, SP, Brasil

Introdução: A hepatite C é uma doença hepática, de etiologia viral, responsável pelo desenvolvimento de danos ao fígado que podem levar à cirrose e carcinoma hepatocelular. Existem diversos fatores de risco responsáveis pela transmissão, que podem incidir de maneira diferente em determinados grupos populacionais. Além disso, como muitos casos são assintomáticos, o diagnóstico precoce é moroso, colaborando para índices de prevalência e incidência variados entre os países e regiões estudadas.

Objetivo: Analisar o perfil epidemiológico de pacientes com Hepatite C que são acompanhados no ambulatório de Infecologia da Faculdade de Medicina do ABC, tentando encontrar os principais fatores de risco locais.

Metodologia: Análise descritiva com base na análise de dados de prontuários de pacientes portadores do vírus da hepatite C, submetidos a um questionário direcionado a possíveis fatores de risco para infecção pelo HCV.

Resultados: Foram coletados dados de 100 pacientes. O presente estudo teve maior incidência de pacientes do sexo feminino (52%), na faixa etária entre 41 a 50 anos (35,2%), com escolaridade ensino médio completo (42,3%). Predomínio do Genótipo 1A (34,3%) Dos fatores de risco, 37,4% dos participantes receberam por transfusão de sangue (73% antes de 1993), 84,8% passaram por procedimento cirúrgico. Somente 1% dos pacientes passaram por diálise, 29% dos participantes relataram fazer uso de drogas inalatórias ou injetáveis, 27% dos participantes têm tatuagens ou piercings, 64% relatam que já compartilharam algum tipo de utensílio perfuro cortante, 75% dos entrevistados têm parceiro sexual fixo. De toda a amostra, somente 2 deles tiveram relações com parceiros do mesmo sexo, 8,8% usam preservativo em todas as relações, os demais não fazem uso. 15,2% dos participantes relataram Infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), e 20% dos pacientes fizeram sessões de acupuntura. Na amostra, 57% tiveram o diagnóstico entre 2008 e 2017 e 93% fizeram tratamento para o HCV.



Discussão/Conclusão: Como cada região apresenta especificidades quanto à população e os fatores de saúde, deve-se compreender que os dados que caracterizam uma população podem não caracterizar outra. Nesse sentido, os dados aqui coletados apresentam as especificidades de uma população e podem não ser aplicáveis a indivíduos avaliados em outros locais.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101233>

EP-156

AVALIAÇÃO DA FIBROSE HEPÁTICA PRÉ E PÓS TRATAMENTO PARA HEPATITE C EM PACIENTES COINFECTADOS HCV/HIV POR MÉTODOS NÃO INVASIVOS

Deise Machado dos Santos, Lara Carolina Peixoto Quiche, Luiz Felipe Gehres, Mariana Borges, Tchurle Hoffmann, Nayle Maria Oliveira da Silva, Leandro Farias, Flávio Manoel Rodrigues da Silva Júnior

Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil

Introdução: O vírus da hepatite C (HCV) e o vírus da imunodeficiência humana (HIV) apresentam fatores de risco e rotas de transmissão similares, o que contribui para a prevalência de coinfeção de até 90% em grupos de risco. A coinfeção HCV/HIV acelera a progressão da fibrose hepática e está associada à cirrose e hepatocarcinoma. A introdução dos agentes antivirais de ação direta (DAA) no tratamento da hepatite C alterou o curso evolutivo da fibrose hepática. Avaliação correta dos graus de fibrose é fundamental para o tratamento, a classificação errônea pode subestimar graus avançados ocorrendo falhas terapêuticas. Os métodos APRI e FIB4 são mais utilizados, porém não têm elevada acurácia como a elastografia (?98%), sendo este o melhor método não invasivo para estabelecimento desses pacientes, obtendo assim, maiores taxas de RVS.

Objetivo: O trabalho objetiva comparar o grau de fibrose hepática, por meio da elastografia hepática e dos escores APRI e FIB4, pré e pós tratamento da hepatite C com os DAA.

Metodologia: O presente trabalho faz parte de um estudo de coorte com coinfectados HCV/HIV no período de março de 2016 a setembro de 2019; até momento 22 pacientes constituem a amostra. O grau de fibrose hepática pré e pós tratamento foi avaliado pela elastografia hepática, APRI e FIB4.

Resultados: Na avaliação pré-tratamento, obtivemos os valores pelo APRI: F0/F1: 40,9%, não é possível determinar fibrose: 36,4% e F3/F4: 22,7%; para o FIB4: F0/F1: 40,9%, não é possível determinar fibrose: 40,9% e F3/F4: 18,2%. Na elastografia: F1: 50%, F2: 13,6%, F3: 18,2% e F4: 18,2%.

Na avaliação pós-tratamento, obtivemos os valores pelo APRI: F0/F1: 68,2%, não é possível determinar fibrose: 27,3% e F3/F4: 4,5%. Para FIB4: F0/F1: 50%, não é possível determinar fibrose: 40,9% e F3/F4: 9,1%. Na elastografia: F1: 63,7%, F2: 13,6%, F3: 4,5% e F4: 18,2%.

Discussão/Conclusão: Através dos resultados obtidos podemos observar uma possível regressão fibrose hepática, avaliados pelos métodos APRI, FIB4 e elastografia hepática, pós

tratamento com os DAA. Também é possível verificar que a elastografia hepática se mostrou mais acurada em relação ao APRI e FIB4 nos extremos de fibrose (F0/F1 e F3/F4), sugerindo discrepâncias entre as análises de fibrose entre os métodos, com possíveis repercussões clínicas nas formas de tratamento e acompanhamento desses pacientes.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101234>

EP-157

ANÁLISE DAS DIFERENÇAS REGIONAIS E TENDÊNCIAS TEMPORAIS DA INFECÇÃO PELO VÍRUS HBV BASEADA EM SISTEMAS DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE

Giuliano Grandi, Luis Fernandez Lopez, Marcelo Nascimento Burattini

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: Hepatites virais são problemas mundiais de saúde pública. Em 2016, a OMS definiu na Agenda para Desenvolvimento Sustentável 2030 a meta de reduzir em 90% as hepatites crônicas e em 65% a sua mortalidade. Grande ênfase foi dada ao desenvolvimento de sistemas de vigilância em saúde e na análise de dados. No Brasil, o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) centraliza os dados dos casos de Hepatites virais, contribuindo para o planejamento estratégico do combate às hepatites alinhado à meta da Agenda 2030. Das hepatites crônicas, metade dos casos é HVB e metade HVC.

Objetivo: Analisar as diferenças regionais e a tendência temporal dos casos notificados de Hepatite B ao SINAN no período de 2007 a 2018.

Metodologia: Classificar os casos notificados de Hepatite B pelos marcadores sorológicos; analisar as diferenças de idade de primeira infecção por região, gênero e grupo etário, bem como diferenças na taxa de detecção anual.

Resultados: Entre 2007 e 2018 foram notificados 487.180 casos de Hepatite B, dos quais 48,65% puderam ser classificados pelas definições oficiais e 97,5% pelas definições propostas neste estudo, porém mantendo alta correlação com a classificação oficial. Entre 2007 e 2018 a taxa de detecção geral permaneceu constante, porém com queda nas idades abaixo de 29. Para os maiores de 40 anos, aumentaram os casos de Hepatite B Crônica no período. Há grande heterogeneidade na distribuição de HBV entre as macrorregiões brasileiras, com as maiores incidências ocorrendo na região Norte. Além disso, as mulheres são infectadas em idades mais jovens do que os homens, principalmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Discussão/Conclusão: A distribuição temporal e etária dos casos de hepatite B entre 2007 e 2018 demonstra o efeito do programa brasileiro de vacinação contra HBV. As diferenças regionais por gênero refletem os comportamentos sexuais distintos das populações brasileiras nas diversas regiões do país.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101235>

